

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA



Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1134	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	<b>30 de Junho de 1910</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

## CHRONICA OCCIDENTAL

A Sociedade Propaganda de Portugal tem muito que fazer, e tem talvez já feito muito, mas não ha-de estranhar que a gente lhe diga que ainda lhe falta para fazer muitissimo.

No proposito de attrahir estrangeiros á visita do nosso paiz, as suas boas diligencias para que os hoteis portuguezes melhorem nas condições de conforto e de hygiene são bem dignas de loude, embora se deva dizer que as diligencias dos hoteleiros pouco lhe tem correspondido.

Resta porém saber se o estrangeiro se contentará com a certeza de encontrar em Portugal hoteis com antoclimo, para que se decida a vir até cá. Mas quer-nos parecer que não. Elle exigirá mais alguma coisa, mesmo até alguma coisa mais que a paizagem; e aqui estamos nós chegados ao ponto a que queriamos chegar.

Uma das coisas que mais excitam a curiosidade de quem viaja pelo prazer de correr mundo

é o ver museus, colleções de arte, monumentos. Ora nós pouco temos d'isto, e o pouco que ha quasi se póde dizer que está em Lisboa, por aqui se ter pretendido sempre concentrar os objectos artisticos e monumentaes dissimulados pelo paiz.

Este pensamento, considerado no seu primeiro aspecto, é realmente merecedor de applauso e afigura-se de vantagem incontestavel. Todas as grandes capitães da Europa procuram corresponder ao papel que lhes incumbe desempenhar na majestosa sinfonia do progresso, e Lisboa não podia esquivar-se a essa lei e a essa tendencia. Pelo numero dos seus habitantes, pela amenidade do seu clima, pela sua admiravel situação geografica, Lisboa tem direito a exercer uma supremacia intellectual sobre o paiz e a mostrar á Europa que não é falsa a sua grandeza e que não é indigna das suas tradições historicas. Viva, porém, dos seus recursos, e não precisa absorver egoistamente o que constitue o patrimonio do paiz, o que tem um caracter local e que só está bem no seu ambiente proprio.

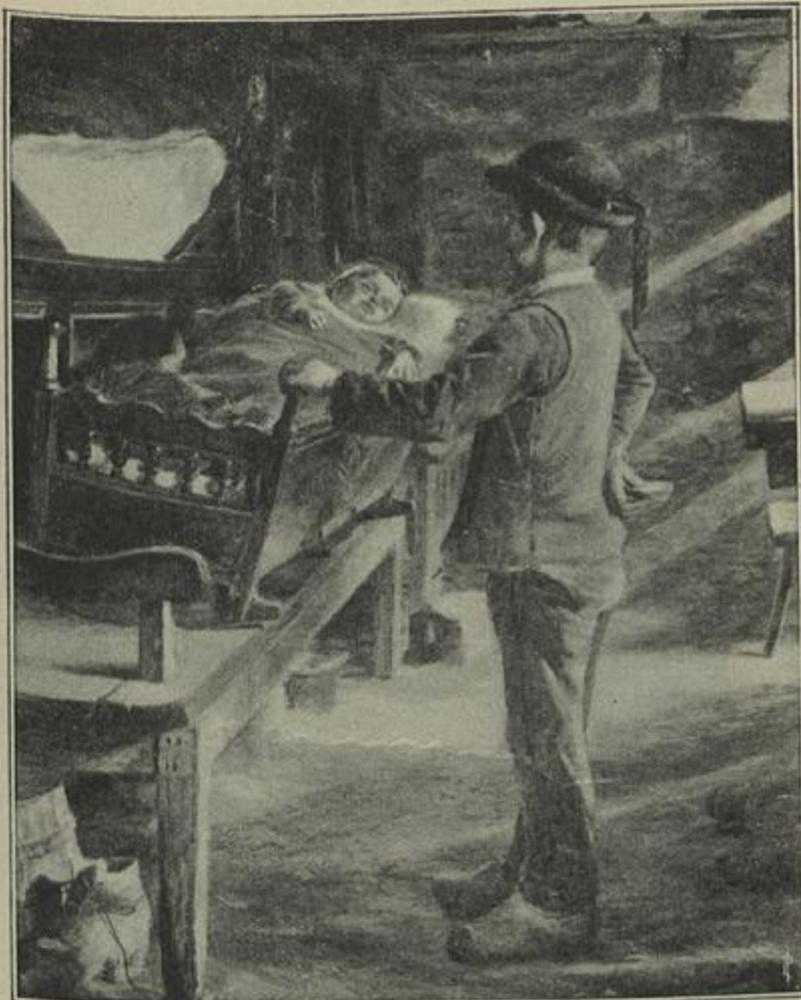
Sabe-se que a centralisação favorece e facilita o estudo de qualquer especialidade, e Lisboa, mais

que nenhuma outra terra do reino, possui os elementos indispensaveis para alimentar o fogo sagrado da sciencia. Evidenciar estas vantagens seria superfluo, como contestá-las seria ridiculo. Os inconvenientes, porém, d'essa centralisação excessiva não são menores e menos dignos de ponderação, e em muitos casos até se convertem num verdadeiro perigo. Lisboa é uma cidade sujeita aos tremores de terra, e esses abalos da natureza têm subvertido não poucas vezes extraordinarios thesouros. Quantas galerias e colleções preciosas, quantas bibliothecas não foram devoradas pelo terremoto e incendio consecutivo de 1755!

Ainda se fósse possivel dizer que em Lisboa estão as coisas mais bem guardadas e menos sujeitas a extravios e vandalismos, vá que não vá. Mas todos nós sabemos, infelizmente, quantos de uns e outros por ahí se praticam.

Depois, não é só em Lisboa que se estuda. Na provincia faz-se um movimento notavel de locubração scientifica e litteraria, que envergonharia a capital, se a capital não se importasse tão pouco com casos de vergonha. Na provincia, as agre-

## Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



LA PETIT SOEUR (Quadro de Sousa Pinto)



DEPOIS DA FEIRA (Quadro de Velloso Salgado)

miações e os individuos que investigam trabalham com os recursos proprios, ao passo que as corporações de Lisboa recebem abundantes subsidios, nem sempre em harmonia com o fructo que produzem. A Academias Real das Sciencias, por exemplo, apañe lá este pão á unha. Bom seria que por todos os meios, quer officiaes, quer extra-officiaes, se tratasse de fomentar esse prurido de investigação, começando-se por não lhe subtrair os materiaes que de direito lhes pertencem.

Muito bem fez o sr. Bispo Conde, quando ha tempos se oppoz a que sahisses de Coimbra os objectos do culto sagrado que pertencim aos extinctos conventos, formando depois com elles um museu, que é hoje uma das mais attrahentes curiosidades d'aquella risonha cidade.

Assim nós pozessemos todos o empenho mais decidido em salvar o que escapou ao desprezo dos tempos, á ignorancia de uns e á rapacidade de outros!

Já nos não faltam nucleos de agrupamentos nos museus espalhados pelo paiz: o do Carmo, o de Bellas Artes, o de Artilharia, o da Sociedade de Geografia, o da Commissão geologica, o Etnologico — todos estes na capital; o Museu Allen e o Atheneu D. Pedro IV, do Porto; o do Instituto e o de Arte Christan, de Coimbra; o Municipal, de Bragança; o da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães; os de Aveiro, Figueira, Santarem; o Museu Cenaculo, d'Evora; os de Alcobaca, Setubal Beja, Alcaccer do Sal, Elvas, Faro.

Não seria facil vencer entre nós a tendencia centralisadora, absorvente do Estado, contra a qual tem reagido, no dominio de que trata a chronica, a iniciativa dos organisadores dos nossos museus regionaes. E' preciso, porém, não tirar aos centros de provincia, ás proprias terras sertanejas os seus elementos de attracção.

Mais de um viajante illustre tem vindo expressamente a Portugal para examinar a sua antiga escola de pintura, e lá vae calcurriando até Evora, a Coimbra, a Vizeu, ao Porto, para estudar nos seus dispersos elementos. Vizeu tem hoje celebridade pelos quadros attribuidos a Grão Vasco. Nos tempos idos do regimen aristocratico e realengo, as terras derivavam a sua importancia ou do solar do fidalgo ou da igreja conventual. Ainda hoje muitas d'ellas vivem das tradições do passado. Seria uma falta de bom senso e até uma falta de patriotismo — no dizer de um eminente critico em assumptos d'arte — tirar á provincia os seus restos caracteristicos de vitalidade antiga.

Uma avultada parte da nossa riqueza artistica mobiliaria tem escapado e continúa a subtrahir-se não só a uma inventariação regular mas muito mais á uma colleccionação sistematica, feita em museus especiaes, onde a historia da arte portugêsa se possa estudar de um modo concreto. O que anda disperso pelos colleccionadores, o que se tem extraviado ou exportado, do espolio das antigas casas portugêsas, deve exceder tudo quanto se possa imaginar.

Para os meios de evitar isto toma a chronica a liberdade de chamar a attenção da Propaganda de Portugal. A Italia possui uma legislação importante, que começou em 1462, assegurando protecção efficaz aos documentos historicos de toda a sorte, monumentos e objectos de arte. Comissões artisticas se occupam ali constantemente de classificar e regulamentar as escavações ou explorações. Nenhum objecto classificado pôde ser alienado sem auctorisação, e o Estado tem sempre o direito de preferencia no caso de venda. Na Austria-Hungria, a lei é severissima a respeito de monumentos em poder de particulares. Na Grecia, a legislação, defendendo o mais possivel os monumentos e objectos de arte, segue a italiana. A Romania tem penalidades muito fortes para fazer incidir sobre os perturbadores da conservação e restauração monumental e artistica.

O que nós desejaríamos seria apenas que a Sociedade Propaganda de Portugal estudasse o que se faz lá fóra para prevenir o exodo das riquezas artisticas nacionaes, hoje mais do que nunca, objecto de uma verdadeira caça por parte dos negociantes de antiguidades, e tomasse a deliberação de fazer por cá o mesmo, estimulando outros a ajudarem-na no patriotico empenho.

Pouco a pouco iriamos então organisando as nossas colleccções, e quanto mais dispersas ellas se conservassem pelo paiz, tanto melhor. Mais haveria que vêr, que saber, e que fazer vêr e saber ao estrangeiro que a benemerita Sociedade procura attrahir.

O que não quer dizer que se dispensem as hospedarias asseiadadas.

JOÃO PRUDENCIO.

## Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

A primavera ia a findar e na serie sucessiva de exposições de arte que tem desabrochado, desde que a amendoeira floriu este anno, faltava a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes abrir as suas salas ao publico, como em Paris, todos os annos se abre o *Salon*.

O nosso modesto *Salão*, porém, parece que de anno para anno mais modesto se vae tornando, por motivo de muitos artistas fazerem suas exposições independentes, e os mestres, pela maior parte, se absterem de expôr ali suas obras.

Deste modo, o nosso *Salão* perde seu maior interesse para o publico, costumado a encontrar ali as novidades de arte do anno, como na tradicional Praça da Figueira encontra as ginjas e as cerejas, ficando o *Salão* redusido a um bazar de amadores de pintura, que o juri de admissão se vê constrangido a aceitar por varias razões, que não pretendo esmiuçar, mas em que não deixará de influir o receio de ferir certas vaidadesinhas muito susceptiveis.

Havia, talvez, um meio de evitar esta promiscuidade de profissionaes e amadores, o qual seria fazer uma exposição especial para estes, — se isso não os descontentasse — e nella apresentarem muito livre e desprezenciosamente suas obras á critica publica, já que a essa critica aspiram, para consolação ou desgosto das suas horas de trabalho.

Eu por mim não lhes daria enfado, por que se a critica entre nós é, em regra, benigna como a brandura dos nossos costumes, muito mais o seria no caso sujeito, especialmente com as amadoras, que veem exhibir suas apreciaveis prendas.

Além disto não sofreriam o confronto com as obras dos professores e artistas qualificados, tornando se assim a sua exposição menos pretenciosa e mais modesta, como quem não pretende concorrer com os mestres, mas simplesmente mostrar as suas habilidades.

Sem mais preambulo entrarei na rapida apreciação das obras expostas, quanto permite o espaço de que disponho.

São 172 os quadros a oleo expostos; neste numero não chega a entrar por um terço as obras dos profissionaes, incluindo Sousa Pinto, cuja ausencia ha muito era notada nesta exposição, e se resolveu agora, lá de Paris onde vive ha bons vinte annos, a concorrer ao nosso *Salão* — «á beira mar plantado.

Fez bem. Animou mais a exposição com os seus quadros em francês: *Boudeuse, La petit soeur, L'Été, Baigneuse* a uns tantos francos ao cambio do dia, como leio no catalogo. De ha muito que este pintor está consagrado pela critica, premiado por seus trabalhos, em que distinguimos o *Salon de Paris*. E' um mestre em que tanto se pôde admirar a segurança do seu processo de pintura como a impecavel correção do desenho, — o que nem de todos se pôde dizer — simplicidade na composição, que não obstante exprime bem um pensamento, uma ideia, como a *Boudeuse* que eu direi *Amuada* e *La petit soeur* ou a *Irmansinha*.

Velloso Salgado correu bem ao lado de Sousa Pinto. E' um professor distinto, premiado tambem no *Salon*, mais em Berlim, além de primeiras medalhas pelo *Gremio Artistico*. Expõe quatro quadros pequenos, de figura e paisagem. *Depois da feira*, muito simples, muito intencional e de perfeita execução.

Escolheu no norte os tipos do seu quadro e surpreendeu uma dessas cenas de namorados, caracteristicas do viver das aldeias.

Outro artista tambem já consagrado pela cri-

tica e premiado no estrangeiro, Malhõa, apenas apresenta dois retratos tipicos. São dois retratos typicos, um delles de fadista, flagrante de verdade, e que deverá ter sido o modelo que serviu para o seu quadro *O Fado*.

Ernesto Condeixa, artista muito qualificado com distincções nacionaes e estrangeiras, veiu ao certamen com quatro quadros de figura, paisagem e flôres, de incontestavel merecimento, especialmente o *Tosqueando uvas* de conscienciosa execução de mestre.

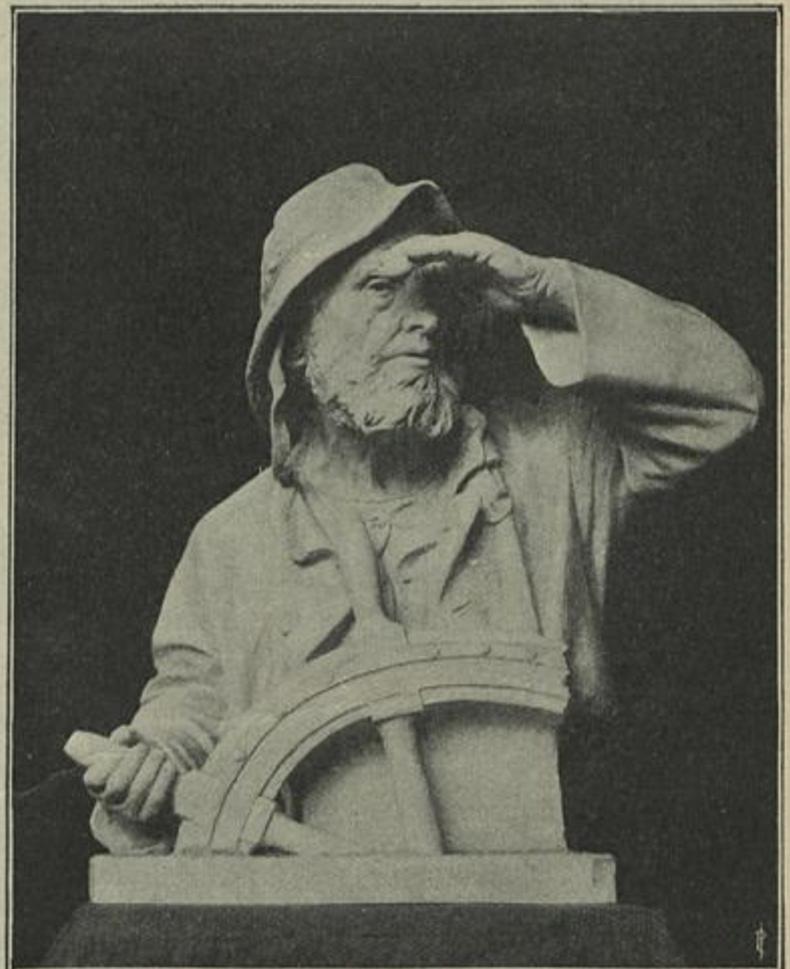
Cristino da Silva, o distinto professor da Escola Marquês de Pombal, premiado em exposições nacionaes e no Brasil, expõe cinco quadros em que domina a paisagem, o viver da Extremadura, e assim apresenta o seu quadro *Campos do Ribatejo*, assunto que daria para uma grande tela, mas que resumiu em uma tirasita, conseguindo dar-lhe certa perspectiva, ar e luz, nos redusidos limites do quadro.

Henrique Pinto, ainda um discipulo de Thomaz da Annuniação, premiado em exposições nacionaes e estrangeiras, e professor da Escola Industrial de Thomar.

Este artista nunca esqueceu esta exposição de arte, de que foi um dos fundadores desde o celebre *Grupo do Leão*, e ora com paisagens, ora com figura, sempre a ella tem concorrido muito discretamente e por vezes com desusado brilho, como o do seu quadro *Caça aos taralhões*. Agora mandou quatro quadros de paisagem, apreciaveis, em que se destaca o *No pinhal*, sobrio de colorido, procurando mais a verdade do que a variedade de côres mal cabidas, de efeitos fantasiosos.

Almeida e Silva, artista de Vizeu, é já sufficientemente conhecido e apreciado nestas exposições, distinguido com premios, aqui, em Paris e no Rio de Janeiro, por seus quadros de acabamento e minuciosidade pouco vulgares, em que desaparece a personalidade do artista, para se impôr a fidelidade de uma copia submissa e paciente da coisa que se reproduz, sem alma, sem acção, sem vida. Este modo de encarar a arte de pintura tem seu merito relativo, tão relativo que se perde quando sae de certos limites e entra, por exemplo, pelo nu, como o sr. Almeida e Silva entrou agora pelo Paraiso a surpreender duas Evas dispondo se a lavar as terrosas carnes de moçoilas, não sabemos se no lago Stygio ou em qual, com a liberdade licenciosa, impudica de quem não receia ser espreitado por olhares indiscretos.

D'esta vez, porém, o sr. Almeida e Silva não desceu ás minuciosidades caracteristicas do seu pincel, ficou se pelos tumidos pomos «com que



PILOTO (Esculptura de Simões de Almeida, sobrinho)

Amor matou de amores... e deixou mui discretamente o resto na palêta.

David de Mello, antigo discipulo da nossa Academia e de Laurens de Paris, premiado em exposições da Sociedade Nacional de Belas-Artes e de S. Louis, tem uma singular preferencia pelos tons negros e delles não se liberta nos seus quadros de velhos e velhas que vae pintando e dissecando até vêr se dá cabo delles e dellas, e escolher outros modelos e assuntos mais alegres, para o que lhe não faltam qualidades de desenhista e de pintor.

João Vaz, professor da Escola Affonso Domingues, antigo discipulo de Annuniação e de Silva Porto, premiado em exposições nacionais e estrangeiras de Paris, S. Louis, Barcelona, etc., tem seus creditos firmados tanto como pintor decorador, como pintor de marinhas. Cinco são os quadros que expõe, cenas de pescadores como *Campanha em terra*, que é dos melhores que tenho visto deste artista, de irrepreensivel fátura.

Nunes Ribeiro é discipulo de Condeixa e da Academia; vem distinguindo-se de exposições anteriores em que foi premiado, conquistando palmo a palmo o seu titulo de artista. Cultiva a figura e agora a paisagem entrando tambem na especialidade de animalista. Seus retratos já se recomendam, e notaremos os quadros *A forja* e *Caldeireiro*, de efeitos de luz seguros, mas bem encontrados e reproduzidos.

D. Emilia Santos Braga é uma distinta pintora que sustenta bem seus creditos no unico quadro que expõe *Embarço de escolha*, uma graciosa creança que sustem nas mãosinhas uma laranja e uma roman. E' bem pintado o nu.

Julio Ramos, discipulo da Academia Portuense de Belas-Artes, de B. Constant e P. Laurens de Paris. Premiado pelo *Gremio Artistico*, em Paris e no Rio de Janeiro. Apresenta cinco quadros de paisagens, de merecimento e certa individualidade.

Alves Cardoso, Falcão Trigoso, Frederico Ayres e Antonio Saude, os novos que se distinguem com vantagem, veem a esta exposição com quadros sobre os quaes a critica se pronunciou ainda não ha muito, nas exposições independentes que realisaram.

Girão vae dando voltas aos seus gallinaceos, de mil modos e maneiras, conseguindo sempre novas composições, que não desagradam, porque elle sabe entender-se com aquella familia.

Temos agora os discipulos de Columbano, srs. Migueis e Henrique Franco. Os seus estudos são prometedores e sem perderem a individualidade do estudante, mostram a influencia do mestre, o que não seria para admirar se Columbano não fôsse um artista inimitavel, cujo modo de vêr, de sentir e processo de pintura é exclusivamente seu.

E com respeito a pintura a oleo só nos restaria falar dos amadores, se o espaço nos permitisse essa divagação.

Não creio, porém, que esses amadores, onde aliaz encontramos alguns distintos, viessem ao certamen para ser alvo da critica, mas sim para mostrar suas prendas, que acho muito interessantes, não duvidando que alguns possam tornar-se artistas se continuarem a estudar com applicação.

E passemos á escultura, em que Costa Motta expõe um belo busto em marmore do falecido conde de Burnay e uma cabeça de velho, em bronze, obra de mestre.

Almeida (Sobrinho) um busto, *Piloto*, é bem estudado.

D. Ada da Cunha, discipula de Teixeira Lopes na Academia Portuense, onde concluiu seu curso com muita distincção, apresentou um busto em bronze de El Rei D. Manuel, de que o OCCIDENTE se occupou ainda ha pouco quando tratou da Exposição da Sociedade de Belas-Artes, do Porto, e o mesmo com respeito á escultura *Infancia de Jesus* (1) Um outro bronze, *Cabeça de Africana*, é bem modelado e de prefeita execução.

Tambem o OCCIDENTE se referiu já aos trabalhos do sr. Julio Vaz Junior na citada exposição portuense.

E de escultura, nada mais ha a dizer, passando á arquitetura em que apparecem alguns projetos bastante interessantes dos srs. José Coelho, Picotas Falcão, José Pacheco e Deolindo Vieira.

Dos poucos desenhos a pastel que se vêem na exposição destacarei *Docé enlevo*, de D. Emilia Santos Braga, que é simplesmente primoroso.

Na aguarella, em que occupa o primeiro lugar Roque Gameiro, o mestre do genero, apparecem mais alguns amadores apreciaveis, como Ribeiro Arthur com os seus bélos tipos militares antigos,



CAPITÃO DE INFANTARIA 16  
REGIMENTO DE VIEIRA TELLES, 1809  
(Aguarella de Ribeiro Arthur)

que ninguem como elle tem estudado entre nós, e um novo aguarelista que se apresenta com distincção, o sr. Alves de Sá. São tambem de notar duas aguarellas do sr. Alfredo de Moraes, principalmente *O Clarim da Guarda Municipal*, e do sr. Alberto Sousa a *Estação do Sul e Sueste*. Por ultimo, encontro as aguarellas de D. Raquel Gameiro, filha do mestre, e que são risonhas promessas de uma das mais dificeis manifestações da arte.

A caricatura está bem representada por Francisco Valença, e Jacinto Nunes que se apresenta como discipulo de Carmon, e desenha com espirito cenas da vida de Paris e algumas tipicas de Lisboa.

De algumas pinturas de arte applicada, a que mais me deteve foi uma bonita composição, *Madrugal*, pintada num biombo, de D. Laura Sauvinet Bandeira. São as ultimas obras a que tenho de me referir, completando assim a minha peregrinação atravez daquellas quatro salas que tive de percorrer em tão breve tempo como breves são estas notas que aqui deixo sobre o nosso modesto *Salão*.

CAETANO ALBERTO.

## MARGARITTA

A José Boavida

I

Entre os nimbos do azul esplendoroso,  
O' casto amor, ó bella Margaritta!  
Vejo-te a frente e plácido e bondoso  
O teu olhar excita  
O fogo que crepita  
Nesta fomalha do meu peito ancioso.

II

Nas illimitações dum Sonho informe,  
Julgando-te em meus braços, beijo, insonte,  
Teu lindo corpo que estuante dorme.  
Mas sempre, ao despertar, a tua frente  
Se offusca no horizonte  
Ail entre os nimbos dum azul enorme.

III

Mas eu descreio. A realidade nega.  
Mas visiono-te sempre e loucamente...  
Vou procurar-te prestes p'ra a refrega:  
Eu sou qual cavalleiro errante e crente  
Que afagasse na mente  
Casta visão de formosura grega.

IV

Sonhos de principe animoso e forte...  
Sonhos de Apollo sempre heroico e bello...  
Albergo no meu peito de tal sorte  
Que digo sempre e sempre o grande anhelio  
De vida sã, sem pezadello,  
Sorrindo aos Astros e sorrindo á Morte.

Lisboa, 25-v-910.

ANTONIO COBEIRA.

## A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1133)

Ruth, a dona d'aquelle ninho, tinha o maximo cuidado em que tudo estivesse no seu logar. Estava toda vestida de branco, com rubis e diamantes guarnecendo-lhe o cóllo, e conservava ainda aquelle porte altivo que eu tanto lhe admirara quando ella estava a bordo, um pouco antes do seu matrimonio.

Tamanho esplendor fazia com que me encontrasse acanhado n'este meio, além de que, era com uma mulher com quem falava.

Poucos dias antes tinha-a procurado para lhe dizer que estava ás suas ordens, caso necessitasse de mim, mas n'aquella noite era ella que me poderia fazer a mesma pergunta.

— Jasper — me disse com a mão por sobre a chave que estava na fechadura da porta — que milagre foi esse que o trouxe a esta casa?

— Não foi milagre nenhum, miss Ruth, mas sim o caminho mais direito para evitar a morte de cinco homens. Morreríamos na ilha se não encontrassemos um caminho submarino que nos conduziu até aqui, e tinhamos de escolher entre morrer de fome ou apresentar-nos. Resolvi vir dizer tudo a Mr. Czerny e a pôr a minha vida nas suas mãos.

Ruth escutava-me cheia de surpresa e quasi lhe percebi um pouquinho de colera.

Adiantou-se até ao sitio mais illuminado da habitação, e pondo-se na minha frente de braços cruzados, exclamou:

— Não!

E como eu ficasse olhando-a interrogativamente, sem saber o que queria dizer este «não,» continuou:

— Não! Não dirá nada a meu marido! Ai, Jasper, que cara tão transtornada que tem!... Parece impossivel a mudança que fez em tão pouco tempo!

— A minha cara nada quer dizer, — repliquei para não falar de mim mesmo — tenho altas e baixas como o barometro nos tropicos. Mas a verdade, miss, é que o barco se foi e não sei quando voltará, se voltar. Dei a mr. Jacob ordem para me esperar durante três dias, e não o fez. Isto quer dizer que o não pôde fazer. Temo bastante que lhe tenha occorrido qualquer fatalidade, mas espero que voltará; tão certo como eu está aqui!

Ruth ouvia-me, parecendo não ligar grande importancia ao que eu dizia, e não fazia senão olhar para todos os lados como procurando uma coisa que não encontrava.

Depois, abriu a porta com grandes precauções e ausentou-se por uns momentos. Quando voltou, trazia na mão um frasco de cognac e algumas bolachas, observando então que deixara a chave na porta depois de entrar.

— Edmundo está dormindo — disse ella muito em segredo — e mandou a tia Rachel a

(1) Via. *Ocidente* XXXI de 1908 pags. 282, n.º 1080.



COMPANHA EM TERRA (Quadro de João Vaz)



CARNEIROS PASTANDO (Aquarella de Alves de Sá)



FAVA E ALFARROBA (Quadro de Trigoço)



TUSQUIANDO UVAS (Quadro de E. Condeixa)



CAMELIAS  
(Quadro de D. Margarida Costa)



PROVANDO O JANTAR (Aquarella de Roque Gameiro)

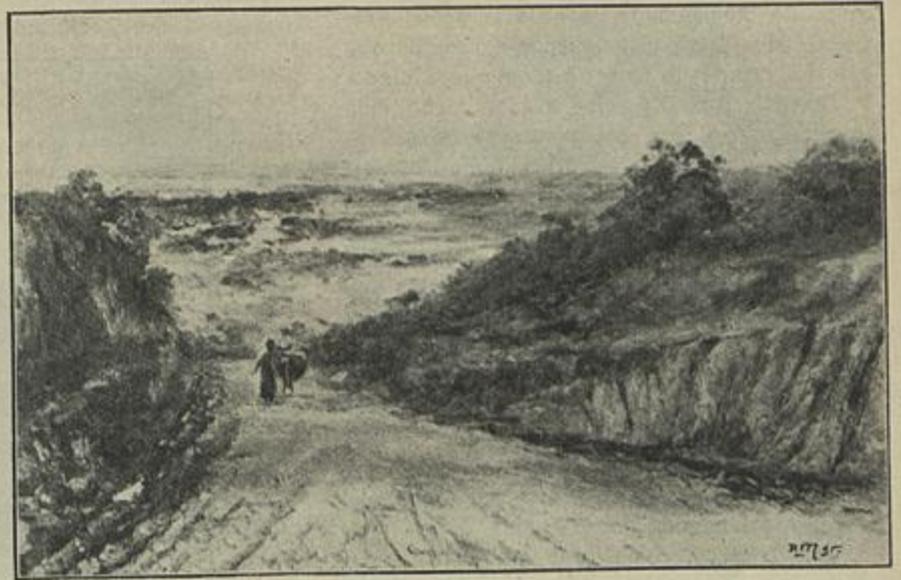
Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



CAMPOS DO RIBATEJO (Quadro de Christino da Silva)



UMA RUA EM MONTACHIQUE (Quadro de F. Ayres)



FIM DA TARDE - SANTAREM (Quadro de Antonio Saude)



CALDEIREIRO (Quadro de Nunes Ribeiro Junior)



VELHA BEATA  
(Quadro de David de Mello)

Tokio. Benno, o nosso creado, é pessoa de confiança. Eu sabia que morriam de fome lá para os montes, mas... que podia eu fazer, Jasper? Que podia eu fazer? Foi uma loucura da sua parte ficar na ilha, mas apesar d'isso, estimo bastante, creia. Encontraremos alguma solução, não duvide d'isso.

Bebi um copo de cognac porque realmente estava quasi sem forças para me suster de pé.

A vivacidade de Ruth havia sido sempre encantadora, e quando era solteira, tinha mais espirito e mais animo do que dez homens juntos.

— Que faremos, Jasper? — continuou dizendo. — Que devemos fazer agora? Pense que é o senhor, Jasper, que está n'esta casa e que não é muito facil encontrar sahida nem sitio seguro. Que faremos, diga?...

— Dil-o-hei a seu marido, miss Ruth, e veremos qual é a sua ultima palavra. Imagine cinco homens n'esta ilha, abandonados a ponto de morrerem de fome.

«Um homem não será capaz de nos negar de comer e de beber!

«Não o posso crêr sem o vêr. O ente mais ruim da humanidade, não faria semelhante coisa. Miss Ruth está fazendo-o peor do que elle é, creia. Pelo menos é assim que o julgo.»

Dizendo isto, dirigi-me até ao fogão onde comecei a aquecer um pouco as mãos, enquanto Ruth, approximando-se d'um *fauteuil* forrado de seda, se assentou encostando a cabeça á mão e ficando pensativa.

Toda a nossa conversa até ali tinha sido apenas fragmentos de idéas, supuz então ser chegado o momento de termos uma explicação mais ampla e naturalmente Ruth tambem o julgou assim.

— Jasper — disse ella de repente — leu o manuscripto que lhe entreguei?

— Até á ultima linha.

— Então depois de o ter lido, será capaz de ir pedir a Edmundo que o ajude?

— Miss Ruth, como pôde um homem julgar outro sem conhecer bem os seus actos? Veem em busca d'estas costas e naufragam. Talvez que os homens de Mr. Czerny sejam inhumanos para com os pobres naufragos; mas tem a certeza de que seu marido tome parte n'esses crimes? Está segura de que elle é tão mau como diz?

Em vez de responder-me poz-se em pé de repente, e desapertando o corpo do vestido, poz o hombro esquerdo a descoberto e mostrou-me um grande vergão, como se houvesse recebido n'aquelle sitio uma chicotada.

Compreendi logo o que me queria dizer; era aquella a maneira mais authentica de me responder.

O que me passou pela vista quando vi aquella mancha, não o posso explicar, mas a minha mão apertou nervosamente a coronha do revólver que tinha no bolso, e a lingua pegou-se-me ao céu da bóca de tal maneira, que não pude articular palavra.

— Visto que me obriga a falar — disse ella — vou dizer-lhe tudo que tenho visto e quanto tenho soffrido n'este espantoso logar durante um anno, durante um interminavel anno que aqui tenho vivido. Crê, o senhor, Jasper, que um homem possa ter uma casa cheia de ouro, como esta casa extraordinaria, e que esse ouro seja ganho honradamente?

«Quer que lhe diga que tem razão, que julgo mal do homem que matou com um tiro o meu creado, aqui, n'este sitio, e me deixou só com o cadáver?

«Quer que lhe diga que é bom, porque algumas vezes, quando se cança de matar ou atormentar os que o servem, obra então como

os outros homens? Muito ganharia eu, se lhe pudesse dizer isso! Ganharia logo tudo quanto as outras mulheres desejam. Mas nunca assim falarei, nunca! Viverei como tenho vivido, e assim seguirei até ser velha, até quando não me importe de nada d'este mundo!»

Foi para mim uma sensação bastante desagradavel, ouvil-a falar d'aquella maneira. Eu bem sabia que tinha soffrido muito na ilha de Ken, mas ainda assim, nunca julguei ser tanto. Que lhe poderia eu dizer para a consolar? Eu, um homem do mar, rude, embora fôsse capaz de deixar cortar a minha mão direita só para a salvar? A verdade é que não me occorria nada para lhe dizer, e assim estivemos durante alguns minutos; ella d'um lado e eu do outro do fogão da sala, com o olhar fito na lenha que ardia, como se lêssemos n'ella alguma pagina da nossa vida.

— Miss Ruth — disse por fim, e julgo que comprehendeu bem o que eu queria dizer — teria dado tudo quanto me pedissem, para não ouvir esta noite o que me acaba de dizer; mas... já está dito... e ainda que nos succedessem coisas vinte vezes peores das que

peranças!... Com que figuras romanticas sonhava e que doideces architectava então! Quando Edmundo me encontrou em Nice, julgo que me comprehendeu. Que de castellos formei na minha imaginação, que alturas phantasticas escalei, que loucuras apaixonadas com que nos enganávamos um ao outro!

(Continúa).

RICARDO DE SOUZA.



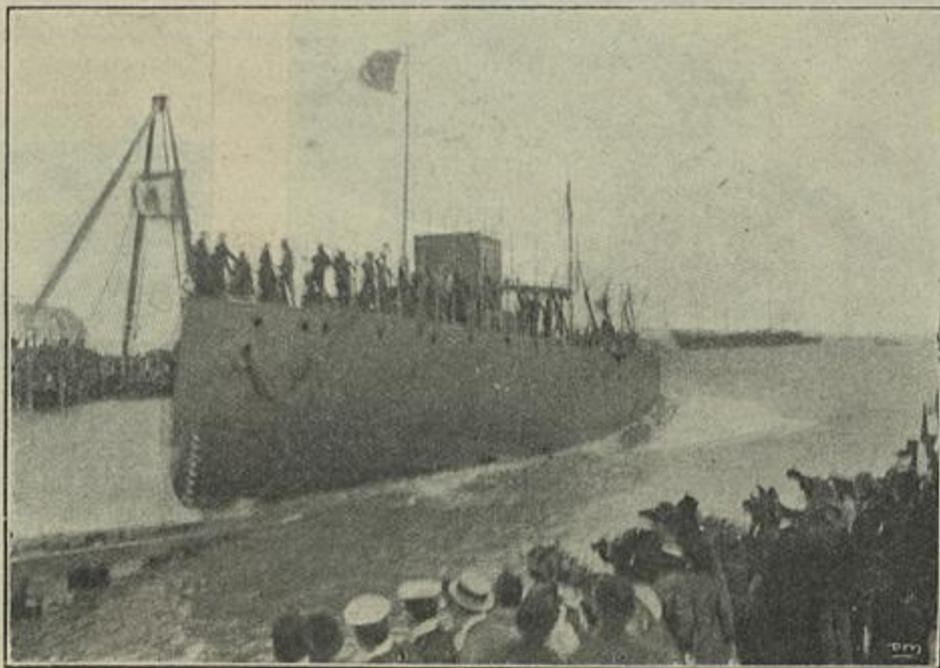
## Marinha de Guerra Portuguesa

### Lançamento ao mar de uma nova canhoneira

O lançamento de um navio ao mar é para o português um acontecimento que mais entusiasmo lhe desperta, que mais lhe toca no coração, que mais o interessa, emfim, e nisso se prova a tradição maritima deste povo que:

«Por mares nunca dantes navegados»

foi ao descobrimento de mundos e mundos, para o que em nossos estaleiros se construíam caravelas e



A NOVA CANHONEIRA «BEIRA» NO MOMENTO DE ENTRAR NA AGUA

nos esperam, a mim e aos meus companheiros, juro-lhe que estou satisfeito por ter vindo a esta ilha. No dia em que sahir d'aqui, hei-de levar uma passageira a bordo. Não é preciso dizer-lhe o nome d'essa passageira, porque deve advinhal-o. Por tudo quanto um homem honrado pôde valer, juro que, ou levo essa passageira commigo, ou nunca mais tornarei a pôr pé a bordo de nenhum navio!

Ruth tinha tanta certeza de que eu era capaz de cumprir o que dizia, que poz a sua mão sobre a minha, e apesar de não dizer palavra, os seus olhos falavam bem claro.

Passado um momento fez-me então uma pergunta que me deixou perplexo:

— Jasper, lembra-se do dia do meu casamento?

— Se me lembro!... — exclamei, e estou certo de que reparou no sangue que me alluiu ao rosto — tão bem como se fôsse hoje!... Nem me parece que jámais o possa esquecer.

— Sim!... retorquiu sem comtudo olhar para mim de frente, e como a recordar-se do passado. — Era então muito criança e o mundo parecia-me um brinquedo. Todos os dias tinha uma flôr a colher. A noite era consagrada á musica e a divertimentos. Como gostava então de encher esta minha cabeça de risnhas es-

naus, estaleiros que eram escolas de construções navaes onde o estrangeiro vinha aprender.

Como os tempos mudaram, porém! Hoje, raras são as construções navaes no nosso Arsenal de Marinha, e quando de annos a annos dali se lança um navio ao Tejo, o povo corre presuroso a vêr esse formidavel espectáculo, que tanto lhe fala ao coração, o alvorota e alegre, e numa anciedade crescente elle segue toda a azafama que precede o lançamento do navio á agua, operação assaz arriscada e que constitue um grande triumpho, quando o navio deslisa direito pela carreira, corta a agua e sobrenada impavido no largo Tejo.

Então sae de todas as bôcas uma exclamação de alegria, como alivio da grande anciedade em que se esteve, e por um impulso irresistivel, unanime, alçam-se os braços, batem-se as palmas e a alegria comunica-se como corrente eléctrica a todos os espectadores.

Assim succedeu no dia 8 do corrente, a mais de cinco mil pessoas que correram ao Arsenal e ás muralhas do Tejo para vêr o sensacional espectáculo.

E' pequeno o barco, é como que *uma gô'a de agua no Oceano*, para o muito de que a nossa marinha carece, mas sempre é mais um navio para a armada portugueza, destinado ao serviço das colonias, onde tantos são precisos.

A nova canhoneira, denominada *Beira*, foi construida sob o risco de engenheiros portuguezes, e por operarios portuguezes executada.

Tem de comprimento entre perpendiculares, quarenta e cinco metros; bocca, oito metros; deslocamento, quatrocentas toneladas; potencia, setecentos cavalos indicados; duas machinas de

triplice expansão e duas caldeiras cilíndricas; velocidade, treze milhas; raio de acção á velocidade económica, tres mil e seiscentas milhas; guarnição, cinco officiaes, nove sargentos e sessenta praças.

Tem duas peças Hotckin de tiro rapido.

Possue um projetor e instalação eléctrica, que é constituída por dois grupos eletrogéneos a vapor e um a petroleo, e a officina de reparações tambem é movida a electricidade.

Tem um escaler a remos, outro movido a petroleo, duas baleeiras, sendo uma de salva-vidas, e um bote.

Vae comandar a nova canhoneira o 1.º tenente sr. Isaias Dias Newton, que presidirá aos trabalhos de conclusão do novo barco.

O lançamento ao mar, da canhoneira *Beira*, realisou-se com todo o aparato do costume, na presença do pessoal superior do ministerio da marinha, do Arsenal e mestrança, fazendo-se El-Rei representar pelo major-general da armada, e o Principe Real pelo seu ajudante, sr. capitão Senna.



### Naufragio da canhoneira «Liberal»

Poucos dias depois do lançamento ao mar de um novo navio da armada portuguesa, como acima nos referimos, recebia-se em Lisboa um telegrama por via de Londres, dando noticia de ter ido a pique, no Ambriz, a canhoneira *Liberal*, em consequencia de ter batido nuns cachoupes.

Triste coincidência.

Felizmente a perda foi só material, pois conforme o mesmo telegrama, salvaram-se todas as vidas que iam a bordo. A *Liberal*, além da sua guarnição, de cerca de cem pessoas entre officiaes e praças, levava a bordo o governador geral de Angola, sr. tenente coronel Roçadas, o heroe do Cuamato, e uma força militar que ia fazer a occupação de alguns postos ao sul do Ambriz, visando principalmente as regiões dos cuamatos e dos cuanhamas. Os naufragos fôram todos salvos pelo vapor *Vilhena* e conduzidos para bordo do transporte *Africa*, que ha tempos se encontra no porto de Loanda, servindo de deposito de guerra.

A *Liberal* era ainda um navio valido, pois fôra construída em 1884, em Inglaterra, nos estaleiros de Laydrs, conjuntamente com a *Zaire*, do mesmo tipo, e muito elegante em suas linhas geraes.

Armava em lugre-barca, com mastreação e velame, além da maquina de força de 500 cavalos. Media em comprimento 42<sup>m</sup>,60, com 7<sup>m</sup>,5 de boca e 5<sup>m</sup>,20 de pontal.

A sua deslocação era de 604 toneladas.

Armava duas peças Armstrong, duas Hotckiss de tiro rapido e duas metralhadoras.

A' construcção destas canhoneiras assim como á da corveta *Afonso de Albuquerque* e rebocador *Lidador*, tudo feito na mesma occasião, assistiram o tenente sr. Alfredo Maia, que com os srs. Carlos Testa e Pedro Diniz, compunha a missão para esse fim nomeada.

O sinistro que acaba de destruir a canhoneira *Liberal* e que tão abruptamente poz termo á sua existencia, não foi o primeiro no genero succedido áquelle vaso de guerra, que parecia fadado para os encalhes. De entre os varios encalhes por ella sofridos, embora sem graves consequencias, dois delles devemos recordar: um, que deve estar ainda na memoria dos nossos leitores, foi o succedido no *Baixo de Pinda*, na costa norte de Moçambique, em março de 1902, devendo-se então o salvamento do navio ao bom estado do mar e aos infatigaveis esforços da sua guarnição; o outro, succedido nesse mesmo anno, em outubro, foi no *Geyser-bank*, a noroeste de Madagascar, quando o navio seguia viagem da Ilha Maurícia, onde tinha ido limpar o fundo e sofrer reparações de que carecia, para Majunga, tendo sido arrasado pelas violentas correntes maritimas, que existem naquellas paragens; desta vez o navio apenas bateu num banco de coral, não encalhando e não tendo felizmente resultado do choque qualquer consequencia funesta, que a dar-se um naufragio naquellas paragens, pela distancia que fica de terra, toda a guarnição seria vitimada.

Não sabemos em que circunstancias se deu o actual sinistro, mas pelo conhecimento, embora imperfeito, que temos da costa de Angola, supomos que o navio, quando em viagem entre alguns dos portos do norte daquella nossa provincia, tenha batido, muito provavelmente, no baixo conhecido pelo nome de *Cabeça de Cobra* e que fica mais ao norte do Ambriz; foi ahí que se deu o sinistro? Não temos dados para o afirmar.

A existencia da canhoneira *Liberal* como navio de guerra, só se podia explicar actualmente pela pobreza do nosso material naval, pois não possuia nenhum dos requisitos requeridos para navios destinados áquelle fim. Outro tanto diremos das suas condições de habitabilidade, que eram muito precarias.

Parece mesmo que as estações superiores de marinha já tinham resolvido não autorisar grandes fabricos, de que por ventura o navio viesse a necessitar, atentas ao seu nenhum valor militar, e, pela força das circunstancias, dentro de poucos annos devia ser riscado da lista dos nossos navios de guerra, como forçosamente tem de succeder á maior parte do nosso velho e gasto material naval, que tem de ser renovado, se quizermos possuir marinha de guerra, que mereça esse nome.

A canhoneira *Liberal* era actualmente o navio chefe da Estação Naval de Angola e era commandado pelo sr. capitão tenente Adriano Teixeira Sarmiento Saavedra, official distinto e muito considerado na corporação de Officiaes da Armada.

A sua guarnição compunha-se de 7 officiaes, incluindo o commandante, e de 103 praças do corpo de marinheiros.

Como é de lei, o commandante do navio deve responder em conselho de guerra.



### O MEZ METEOROLOGICO

Maio 1910

Barometro. — Max. altura 767<sup>mm</sup>,9 em 2.

» Min. » 747<sup>mm</sup>,8 em 16.

Termometro. — Max. altura 24<sup>o</sup>,4 em 5.

» Min. » 9<sup>o</sup>,5 em 4.

Foi um dos meses de maio, de temperatura mais baixa nestes ultimos annos, registando-se fortes ventanias do Norte.

Chuva — 53<sup>mm</sup>,8 em 10 dias, sendo em 14 a altura pluviometrica de 11<sup>mm</sup>,0, em 18, de 14<sup>mm</sup>,4 e em 27, de 14<sup>mm</sup>,2 com forte trovoadas.

Vento dominante — N.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 16 dias.

» Nublado 12 dias.

» Encoberto 3 dias.



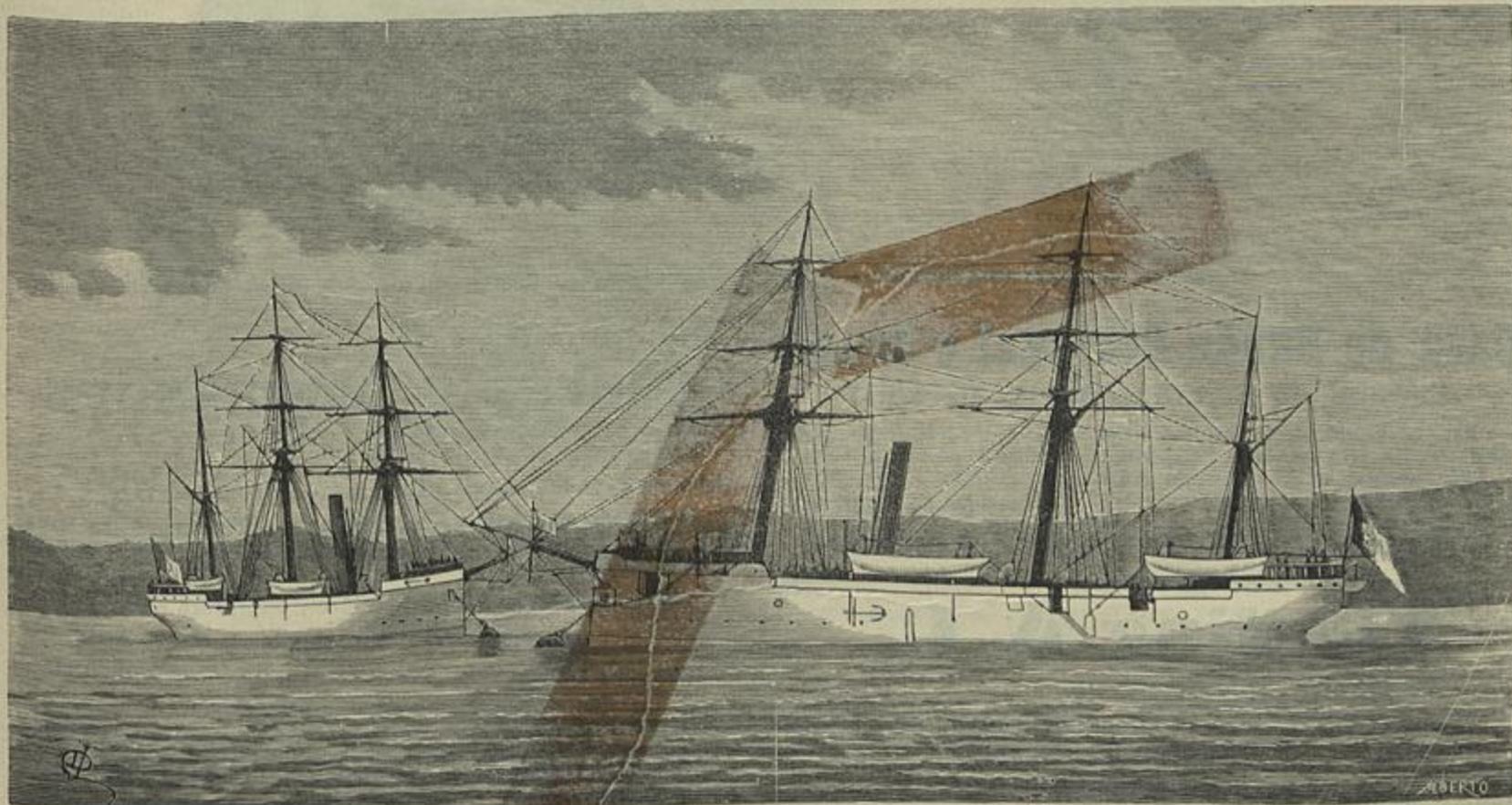
### CONCURSO PECUARIO

A Real Associação Central de Agricultura Portuguesa levou a effeito, com magnifico resultado, o segundo concurso de gados turino e holandês, no parque do Campo Grande.

Este segundo concurso avantajou-se consideravelmente ao realisado o anno passado, evidenciando bem quanto a industria da criação de gados tem a lucrar com estes incentivos ao seu desenvolvimento, num país como este tão apto para a cultura de mais esta riquêsa agricola.

Os gados que vieram ao certamen constituíram uma exposição relativamente numerosa, occupando uma boa parte do Campo Grande, junto ao *chalet* das Cannas.

Sua Magestade El-Rei D. Manuel e Sua Alteza o Principe D. Afonso, visitaram esta exposição acompanhados do sr. ministro das obras publicas e director geral da agricultura, sendo recebidos pela direcção da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa, varios expositores e convidados, etc., passando uma minuciosa revista



A CANHONEIRA «LIBERAL» QUE FOI A PIQUE NO AMBRIZ, EM 23 DO CORRENTE

aos exemplares expostos, em que os havia de magnificas raças apuradas em corpulencia e belesa.

Muitos fôram já os expositores portuguezes que concorreram ao certamen com magnificos exemplares, é certo, mas muitos deixaram ainda de concorrer, talvez por menos diligencia, ou interesse pelo certamen que se realisava. O interesse, porém, que esses criadores não tiveram, tiveram-no alguns criadores holandezes, que não hesitaram em mandar, lá de tão longe, vacas e touros do seu país a este concurso.

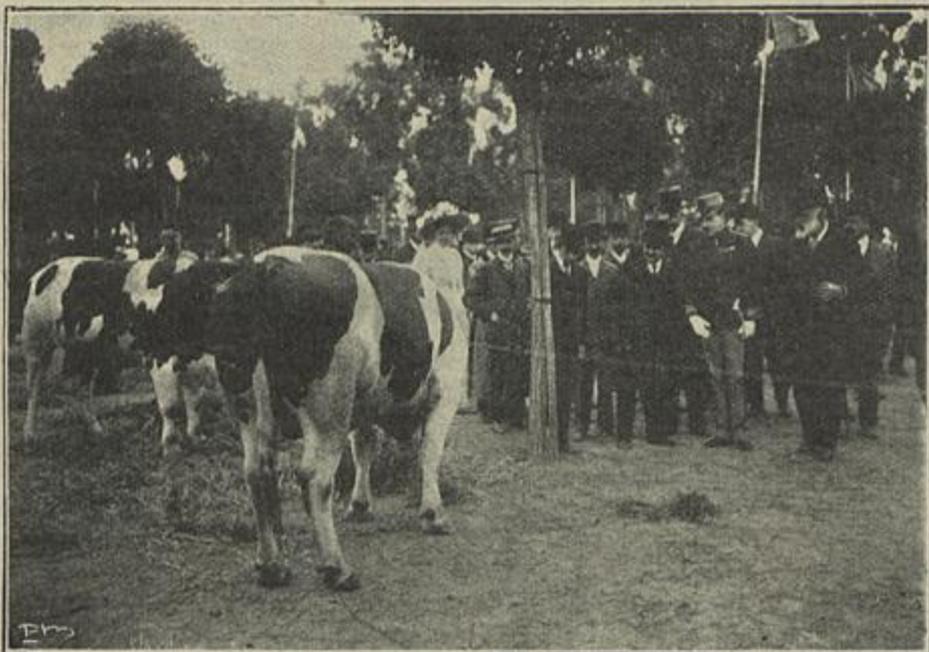
E' uma boa lição á indolencia nacional, que talvez aproveite para o futuro, estabelecendo emolação com que muito poderá ganhar esta industria, vendo assim mais e melhor coroados os seus esforços a associação que patrioticamente está promovendo estes concursos.

O concurso dividia-se em duas secções: raça turina e raça holandesa aclimatadas, além de gado holandês importado ha menos de seis mezes.

O jury era composto pelos srs. Cincinnato da Costa, Santos Viegas, Ildefonso Borges, Paula Nogueira, Miranda do Valle, dr. Damas Móra, Agueda Ferreira e Godofredo Santos, o qual conferiu os seguintes premios:

Primeiro premio, vinte libras em ouro, ao touro pertencente ao sr. Antonio Castanheira de Moura; segundo premio, dez libras em ouro, ao touro pertencente ao sr. Joaquim Canas Silvestre da Silva; terceiro premio, menção honrosa, ao touro do sr. Antonio Francisco Ribeiro Ferreira; oito libras em ouro, a uma

## Concurso pecuario



TOURO DE RAÇA TURINA QUE OBTVE O PRIMEIRO PREMIO  
PERTENCENTE AO SR. ANTONIO CASTANHEIRA  
S. M. EL-REI, MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS E JURI EXAMINANDO OS GADOS



UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE GADOS

cria, propriedade do sr. Antonio Ribeiro Ferreira; cinco libras em ouro, a uma cria, propriedade do sr. Joaquim da Costa Victorino; menção honrosa, a uma cria da Sociedade Lacticinios Lisbonense; dez libras em ouro, a uma novilha do sr. Joaquim de Sousa Terra.

Seis libras em ouro, a uma novilha do sr. José Tavares Mouzacco; menção honrosa, a uma novilha da Sociedade Agricola Batedouro; quinze libras em ouro, a uma vaca do sr. José Marques Pereira & Irmão; oito libras em ouro, a uma vaca do sr. Sebastião da Silva; menção honrosa, a uma vaca do sr. Alfredo Cesar Brandão.

Da raça holandesa, fôram premiados:

Um touro do sr. Domingos Bastos com 50\$000 réis; outro do sr. Eduardo Plácido, com 30\$000 réis e outro do sr. Joaquim Rodrigues Moreira, com menção honrosa; uma vaca do sr. Eduardo Plácido, com 40\$000 réis; outra do sr. José Ferreira do Amaral, com 25\$000 réis, e outra do sr.

Pombeiro, com menção honrosa; um novillo do sr. José Ferreira do Amaral, com 30\$000 réis, e um outro do sr. Pombeyro, com 20\$000 réis; uma novilha do sr. Eduardo Plácido, com 20\$000 réis; outra do sr. dr. Viterbo, com 15\$000 réis e outra do sr. Eduardo Plácido, com menção honrosa.

Os premios, em numero de oito, conferidos ao gado holandês importado pela portaria de 31 de março de 1910, couberam todos aos expositores G. Voorspuy & Fils. As classificações dos juris fôram bem acolhidas e muitos dos expositores fizeram magnificas transações.

## Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

## Vierling & C.<sup>a</sup>

Abriram o seu estabelecimento  
104, Rua dos Capellistas, 106  
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.  
Telephone. 2873

Endereço. Fundos.

Novidade litteraria:

## CONTOS E DIGRESSÕES

Por CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de Antonio Ramalho e Caetano Alberto, contendo:

O segredo de Clotilde - Na Montanha - Devorado pelas feras - Uma visita a Castello de Vide - Historia de umas calças - Uma festa agricola em Elvas.

Certame em relevo, ouro e cores, completa novidade

Preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Preço Novo - LISBOA

## Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis